



ALFAEJA
VIII Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

PROPOSTA DE TRABALHO DIDÁTICO – PEDAGÓGICO COM PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: UM OLHAR CRÍTICO PARA AS VIVÊNCIAS DO SUJEITO DA EPJAI

Cristiane Pinheiro dos Santos¹, Ilhamara Nascimento Vieira², Jaílvia Santos Nunes³, Claudilene Rocha Teixeira⁴

¹ Graduanda em Pedagogia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Email: cpinheiro586@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Email: ilhamaramara@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Email: jailianunes@gmail.com

⁴ Graduanda em Pedagogia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Email: 201820293@uesb.edu.br

EIXO TEMÁTICO: 1- SUJEITOS DA EJA: INCLUSÃO, DIVERSIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

MODALIDADE: Comunicação Científica.

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma atividade desenvolvida na disciplina DFCH0818 – Educação de Pessoas Jovens e Adultas II, no primeiro semestre letivo do ano de 2022, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. A atividade foi intitulada “Proposta de trabalho didático – pedagógico com pessoas jovens, adultas e idosas: Um olhar crítico para as vivências do sujeito da EPJAI,” e teve como objetivo acompanhar um sujeito que fizesse parte da modalidade EPJAI, formular e desenvolver uma proposta didática para o módulo em que estivesse inserido. Essa proposta, de forma mais específica, objetivou denunciar, através de fotografias, as vivências dos sujeitos da comunidade onde vivem; revelar a narrativa de vida dos sujeitos e refletir sobre as relações socioeconômicas dos sujeitos da comunidade. O início dos trabalhos se deu a partir da realização de uma pesquisa de campo no bairro onde está localizada a escola e, conseqüentemente, onde moram os seus alunos. O bairro surgiu há 37 anos da invasão de terras privadas, onde homens e mulheres sem terras construíram barracos de lonas para morar e lutaram pelo direito à moradia. A história do bairro revela a desigualdade social dessa localidade cujos moradores passaram por problemas como: a falta de energia elétrica, de água encanada, saneamento básico, coleta de lixo, pavimentação, transporte e telefone público, sendo o desemprego e a violência os maiores deles. O bairro se desenvolveu ao longo do tempo, com muita luta e resistência pelos seus direitos básicos tais como: moradia,

transporte, saúde, segurança e educação. Atualmente o bairro é assistido pelos serviços públicos: Base Comunitária da Polícia Militar, Posto de Saúde, creches e a escola da primeira etapa do ensino fundamental. Através dos registros das fotografias pôde ser analisado como o bairro é um dos espaços que com a luta dos moradores e trabalhadores da região obtiveram alguns direitos, (apontados acima), entretanto, há muito que ser feito, considerando a existência de outros problemas como muitas ruas sem asfalto; terrenos baldios tomados pelo mato, lixo e entulhos, carência de médicos especialistas e dentistas no posto de saúde. Essa é uma realidade semelhante a muitas localidades e pessoas, com a desigualdade educacional e social, como exemplo de diversas outras pessoas enquadradas na modalidade de Educação de Jovens, Adultos e Idosos. A pesquisa consistiu em realizar o levantamento do universo vocabular dos moradores e a realização de uma entrevista com um morador, enquadrado na modalidade de ensino EPJAI. Trata-se de um homem adulto, negro, que não deu seguimento aos estudos no período regular, por questões socioeconômicas, falta de incentivo familiar e baixa escolarização dos pais. O entrevistado nos relatou a sua vivência e dificuldades. Com 50 anos de idade, de família humilde, viveu sua infância na zona rural de um município vizinho de Vitória da Conquista, pai de cinco filhos advindos de dois casamentos. Profissionalmente trabalhou como vigilante e pedreiro. Estudou até a 3ª série (denominação na época), em uma sala multisseriada em sua cidade de origem. Precisou interromper os estudos, pois foi obrigado a trabalhar desde cedo, de acordo com (Moll 2004) “[...] no contexto social, brasileiro, nos referimos a homens e mulheres marcados por experiências da infância na qual não puderam permanecer na escola pela necessidade de trabalhar [...]”. O entrevistado nos relatou suas experiências de vida e os percalços pelos quais teve que passar, dificuldades financeiras, preconceito racial e discriminação racial, assim, “é inegável o peso histórico do preconceito racial em nosso país e seus desdobramentos na realidade da maioria dos afrodescendentes [...] são obrigados a conviver ao longo de sua vida com inúmeros momentos de preconceito racial e discriminação” (Oliveira, Luciano; Ferreira, Maria 2012, p 77), entendemos que a questão racial está marcada em todos os contextos sociais, raízes escravocratas que perpetuaram a ideia da negatividade e da inferioridade das pessoas negras. É preciso afirmarmos que a ação educacional crítica precisa lutar para denunciar essa realidade e por uma educação antirracista. Através do diálogo o entrevistado se mostra desesperançoso não vê perspectiva para o futuro na escolarização e apesar de afirmar a importância de estudar não tem interesse em retornar os estudos e desistiu dos seus sonhos, assim, interpretamos que para ele, as injustiças não podem ser mudadas, entretanto, de acordo com Freire (2000) tudo que foi estabelecido como natural e inexorável é fruto das ações humanas, assim, precisa-se olhar para o futuro como algo que é movido social e historicamente, afirmando as ações que lutam por um mundo melhor. Segundo Freire (2000) “o sonho de um mundo melhor nasce das estranhas de seu contrário. Por isso corremos o risco de tanto idealizarmos o mundo melhor, desgarrando – nos do nosso concreto, submergirmos – nos no imobilismo fatalista” (Freire, 2000, p. 133), podemos afirmar então, que assim como o sujeito entrevistado, muitas pessoas estão nesse estado de inércia e aceitação de status quo. É contrário a esse determinismo e fatalismo, que há esperança e luta por uma educação emancipatória para mudanças sociais. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, refletimos a alegria que o entrevistado sente pela vida. A pesquisa se concretiza de forma significativa para a nossa formação, o levantamento vocabular, os registros de fotografias e a entrevista serviram de base para a realização de uma sequência didática para os anos iniciais do ensino fundamental - segmento I (conforme a denominação do sistema municipal do ensino de Vitória da Conquista – BA) prevista para 5 dias de aulas temáticas sobre preconceito racial, identidade, desigualdade social, trabalho e relações de desigualdade na sociedade, saúde e qualidade de vida. Desde o planejamento, os registros do cotidiano e vivências da população, atuamos como observadoras, participantes e críticas, além disso expandimos a nossa sensibilidade, pois, essa realidade também faz parte da nossa história de vida, sujeitos que todos

os dias enfrentam as barreiras da sociedade, o racismo, a discriminação, a falta de oportunidade de avançarem nos estudos, e além de tudo isso, a falta do básico, o necessário que muito tempo foi negado e que precisa ser afirmado, não como algo dado pelo Estado, mas como luta e direito social, para quem foi negado o direito de estudar precisa-se cobrar as políticas públicas de reparação social, com a inclusão e permanência. Nessa caminhada interagimos com o sujeito entrevistado, que nos fez refletir sobre como precisamos ver leveza e alegria na vida. Refletimos sobre os seus saberes, facilidades e talentos, que diferenciamos e aproximamos os saberes escolarizados e os saberes sociais, para a sociedade letrada, sujeitos em processo de alfabetização são limitados, mas essas limitações são resultadas do poder e das barreiras que não possibilita a equidade social e educacional. Pensar em nossa formação como futuras educadoras, nos faz refletir a importância dessas vivências, dessa maneira, precisamos valorizar em nossa prática educativa os conhecimentos de mundo, os educandos antes mesmo de sair de sua comunidade e entrar na escola, já são dotados de experiências e saberes necessários à prática educativa, precisamos respeitar e valorizar, transformando o espaço escolar em um ambiente acolhedor, dialógico e real, contrário a educação bancária que mascara as injustiças e desigualdades sociais, segundo Freire (1981) “seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica.” (Freire, 1981, p. 73). Sendo assim, além da valorização para com seus saberes, é preciso nos posicionarmos criticamente a realidade e ações que possibilite desvendar o sistema opressor, segregacionista, racista, e afirmarmos a luta pela educação libertadora e crítica que vai de encontro a reprodução da desigualdade.

Palavras – chave: Alfabetização; Educação; Racismo; Desigualdades.

REFERÊNCIAS

- MARCUSCHI, Luis, Antônio. Da fala para a escrita: atividade de retextualização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br>. Acesso em: junho de 2022.
- MOLL, Jaqueline. Alfabetização de adultos: desafios à razão e ao encantamento. In: _____; SANT' ANNA, Sita. [et.Al] **Alfabetização de adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- OLIVEIRA, Luciano; FERREIRA, Maria. A questão étnica - racial e a educação de jovens e adultos. Debates em Educação Científica e Tecnológica, v. 02, nº. 2, p. 77 a 86, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: editora Unesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5º ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.